

# AÇÃO DIRETA

SEMANÁRIO ANARQUISTA

PREÇO Cr\$ 0,50

Diretor: JOSÉ OITICICA

Atualmente a burguesia con-  
stituiu-se em feudalismo do  
por isso, marcha, como  
lismo da terra para a

Auguste Chirac, *L'agiotage sur  
la troisième République*, p. 20.

ANO I

Rio de Janeiro — Quinta-feira, 20 de fevereiro de 1947

N.º 31

## Estado e Liberdade

Classificam-se os Estados con-  
forme a distribuição do poder.

Na autocracia concentra-se o  
poder numa só pessoa. Na de-  
mocracia supõe-se estar o poder  
em todos os cidadãos.

Mas, que é poder e para que  
serve?

O poder do Estado é força-fí-  
sica e psíquica. A física é uma  
espécie de máquina movida por  
um botão que pessoas autoriza-  
das apertam. A psíquica decorre  
da ignorância geral, do veneno  
infundido pela moral cívica e re-  
ligiosa.

Esse aparelho — o Estado —  
com suas leis, soldados, polícias,  
espões, ministros, juizes, e t.c.  
mantém o servilismo, assegura a  
exploração, sufoca as forças de  
expansão, isto é, as forças vivas  
da liberdade.

Esse instinto de liberdade ten-  
de a realizar uma sociedade sem  
poder e sua expressão máxima é  
a *anarquia*, regime essencialmen-  
te construtivo.

A vontade é a fonte de ener-  
gia vital no indivíduo. Sufocá-la  
é um crime de lesa-individuali-  
dade. A liberdade concedida pelo  
Estado não é liberdade. Seriam  
duas liberdades, coisa impos-  
sível.

Os meios empregados pelo Es-  
tado para manter sua autorida-  
de são imoralíssimos, precisamen-  
te os considerados *mal* quando o  
indivíduo os pratica: a violência,  
a mentira, a calúnia, a injustiça.

A Igreja Católica modelou o  
Estado Moderno: organização hier-  
árquica, compressão pelo medo,  
pela perseguição, pela espiona-  
gem, pela dominação sempre  
crescente, com supressão do pen-  
samento livre, a lei de um lado  
e do outro o dogma.

O domínio pelo medo procede  
da ignorância. Dominar significa  
sempre quebrar as vontades, de-  
gradar os caracteres, automatiza-  
ndo as criaturas, viciando-as a  
cumprir ordens, a não pensar  
nem retrucar.

Todo Estado é de cunho to-  
talitário, no sentido de reprimir  
sempre onde alguém objeta ou  
prejudica os seus detentores.

Assim sendo, é, por índole, cor-  
ruptor.

Seu ensino mais hipócrita é o  
de asseverar que todo cidadão  
obedece às leis é *livre*.

E, como para tudo há leis do  
Estado, a essência do Estado é  
o absolutismo.

Essa liberdade, a concedida  
pelo Estado, mas sujeita a leis,  
tem para conteúdo a *coação* e  
seu substrato é o cumprimento  
de determinações alheias.

É uma liberdade condicionada  
por uma autoridade; logo, uma  
não-liberdade.

*Autoridade e lei!* com tais pa-  
lavras sagradas mata-se diaria-  
mente a liberdade e mumificam-  
na nas burras estatais — as dos  
banqueiros.

Diz-se que na democracia vin-  
ga a liberdade política.

Que será isso?

Será o indivíduo livre perante  
o poder supremo estatal?

Ao contrário, é a coação do in-  
divíduo pelo Estado. Segundo  
ela, o Estado é livre, mas não o  
indivíduo. Este tem de obedecer,  
de dar contas ao Estado de tudo

e por tudo e quem obedece e dá  
contas não é livre.

Onde há leis, regulamentos, au-  
toridade, há imposição, constran-  
gimento, sujeição; logo, não há  
liberdade.

Mas as leis são feitas pelos re-  
presentantes do povol dirão,

Tirar das urnas uma vontade  
única é operação mágica. É mel-  
hor pôr de parte essa ficção de  
um governo gerado pelo voto po-  
pular.

O sufrágio é mero artifício com  
que se disfarça o poder encapo-  
tando-o com a vontade popular.

Dizem que nas democracias o  
povo é seu próprio legislador.

Suponhamos, pura hipótese,  
que uma constituição hoje repre-  
senta a vontade de todos. Mas,  
amanhã, representará a de todos  
os que a não votaram hoje? Nes-  
se caso, ainda, nossa criatura de  
hoje vai tornar-se amanhã nosso  
amo. Demais, a vontade de to-  
dos, hoje, estagna-se por muitos  
anos e oprime os que vêm depois.

Os comunistas russos preten-  
dem libertar a humanidade. Para  
isso, *reforçam* o Estado, quer  
dizer, reforçam o opressor e por  
isso o Estado Russo é a mais  
dura tirania do mundo.

Um poder pode-se destruir  
sem reformas, por isso, os co-  
munistas querem tornar o impos-  
sível possível.

A liberdade só aparece quando  
desaparece o poder. Se o socia-  
lismo autoritário vencer, a hu-  
manidade passará de uma opres-  
são para outra. A massa, estati-  
zada, mais se aviltará por mais  
se ensoberbecer o Estado; outra  
burocracia mais possante a enlea-

rá e esfomeará. Teremos outra  
idade média com a fome oficial  
para ter direito à sopa do Estado.

Armar-se-á uma doutrina so-  
cial infalível e obrigatória, uma  
ortodoxia totalitária, a qual tri-  
turará a individualidade.

Assim como a burocracia atual  
se identifica a si mesma com o  
povo e como pátria, assim tam-  
bém a burocracia dos comunistas  
se identifica a si mesma com o  
trabalho e como socialismo e per-  
seguirá a quantos queiram pensar  
por si sós.

Socialismo passaria a ser idéia  
fixa, imóvel, parasitária, reacion-  
ária. O trabalhador teria de in-  
gressar na igreja vermelha; senão,  
passaria fome, seria difamado e  
chacinado.

A liberdade não é cousa que se  
receba de presente e, muito me-  
nos, de uma autoridade.

As revoluções têm-se feito im-  
pulsadas pelo afan da liberdade.  
Infelizmente os povos não têm  
podido fazer mais que *mudar de  
autoridade*.

Pergunto eu: «Onde se acha a  
lei que proíbe comprar braços e  
cérebros humanos?» Que espécie  
de liberdade é essa que força o  
homem a vender os braços e a  
inteligência por dinheiro como  
prostitutas?

Tempo virá em que ninguém  
curvará os joelhos ante Bial.

A luta vindoura será uma luta  
entre o espírito humano e o po-  
der estúpido do Estado, entre a  
verdade e a mentira em prol da  
liberdade. Há de triunfar a anar-  
quia porque só ela defende o  
homem e sua liberdade.

*Germinal*

## AS ELEIÇÕES

Vereadores! As eleições de ja-  
neiro foram, para toda gente,  
uma espetacular comédia, para  
muitos candidatos amarga decep-  
ção, para certos partidos uma  
vergonheira em vários atos sujos,  
para nós, anarquistas, só para  
nós, indiscutível triunfo.

Triunfo para nós porque fomos  
os únicos a afirmar o caráter  
apalhafado de tal «dever cívico»,  
os únicos a demonstrar que pelo  
voto não se resolve a palpitante  
e ameaçadora questão social, os  
únicos a clamar aos trabalhado-  
res contra os partidos, seus chefes,  
suas maquinacões inoperantes, suas  
tremendíssimas traições aos seus  
ingênuos filiados.

A comédia começou pela pró-  
pria lei, lei absurda segundo a qual  
os católicos, muitos católicos, dos  
mais fervorosos, dos mais intrans-  
sagentes arrengadores de Stálin,  
acabaram dando seus votinhos  
consagrados a Cristo, aos satâ-  
nicos e execrados comunistas. Quá!  
quá! quá!

Bem feito! O processo das so-  
bras, a mais ignóbil artimanha  
da comédia, foi defendido na  
Câmara pelo P. Social Democráti-  
co, o do sr. Nereu Ramos; líder,  
com a certeza certíssima de que  
o P. S. D. majoritário iria, nas  
eleições de janeiro, lambor os  
votos inteirinhos dos partidos mi-  
núsculos ou nequenos.

Comunista, combateu a moamba  
com vigor, mas a moamba passou.  
Agora, peço que olhem para a  
cara molhada do P. S. D. vendo  
o satisfeito Prestes usufruir e  
devorar, apetitoso, o pudim das  
sobras.

Comédia foi também o jogo  
de empurra, os cambalachos sór-  
didos, uma espécie de *entra sim-*

*pático* das rameiras políticas que  
fazem tudo contanto que lhes  
saia das urnas um naizezinho  
capaz de lance forte.

Nesse ponto, a coisa foi além  
de previsões ousadas.

Exemplo: O Partido Comunista  
faz candidato seu o sr. Adhemar  
de Barros. O nome de Adhemar  
de Barros aparece irmanado nos  
cartazes comunistas ao de Prestes.  
O cavaleiro da Esperança abra-  
çadinho com o Cavaleiro... de  
que? (os adversários descobrem  
agora que Adhemar de Barros é  
Cavaleiro de Indústria, pois abis-  
coitou na Interventoria de S.  
Paulo, uns quarenta mil contos).

Outro exemplo da comédia elei-  
toral. O sr. Borghi é provadamen-  
te, por decisão oficial de um  
inquérito militar, audaz escroque  
estadonovista. Esse homem, que  
devia estar preso, com todos os  
bens confiscados, apresenta-se can-  
didato a governador do mais  
importante Estado da União!

Para gozar a comédia, diziam,  
em S. Paulo, que o Borghi, se  
não fosse eleito, só podia sair-se  
ou dando um tiro na praça ou  
dando um tiro na cabeça.

Ao que nos consta, deu um  
tiro no Tesouro Federal. Rosna-  
se, com efeito, que o governo  
federal mandou comprar um ter-  
reno de Borghi na rua do Riachu-  
lo, terreno avaliado em 12 mil

contos, por 20 mil.

E vai tudo bem, no melhor  
dos mundos!

No capítulo das decepções, nem  
falar! Quanta cabeça inchada!  
Quanto bobo alegre ingenuamente  
cobiçando a convidativa vere-  
doria... bom emprego, emprego  
para malandros de camisa limpa!

E o Partido Comunista! Esse  
tinha sem a menor dúvida a  
cadeira de senador. O excelentí-  
simo senhor deputado João Ama-  
zonas, proletário, já mandara fa-  
zer elegante casaca aristocrática  
para comparecer nas festanças do  
governo, ao lado do seu chefe e  
senhor, o burguês progressista  
sr. Luiz Carlos Prestes.

Deixando essa decepção fúne-  
bre, passemos a outra decepção  
para cujo qualificativo não acho  
adjetivo. Chamemos-lhe: *dor de  
barriga!*

A dor de barriga foi a vitória  
estardalhante, esbarrigante, a vi-  
tória valha-nos Deus do sr. Car-  
los Lacerda. O P. C. considera  
Carlos Lacerda *um renegado*.

Ignoravam todos a sinceridade  
desse moço dinâmico e poderoso  
orador e mais sua capacidade  
combativa tal, que só a sua  
campanha contra Fiuzza e Bor-  
ghi lhe deu a estrondosa vota-  
ção de janeiro.

Com efeito, de um lado todo  
o P. C. disciplinadinho, coeso,  
votando como cães amestrados  
nos candidatos indigitados pelo  
amo e, do outro lado, Carlos  
Lacerda, sozinho, ele e mais nin-  
guém.

Pois Carlos Lacerda, só, ven-  
ceu longe todo o P. Comunista.  
E o P. C. não odeia a ninguém  
mais do que a Carlos Lacerda.

E vão lá dizer que o Partido  
Comunista vale alguma coisa!

Porque é necessário deixar  
claro isto: não foi e não é  
que venceu com Carl  
foi, ao contrário, Car  
que deu vitória à U. D. N.

Importa ressaltar mais o

(Continua na 4ª pag.)

(Continua na 4ª pag.)

## PROVAS DE CAPACIDADE

P. Ferreira da Silva

As atividades humanas di-  
videm-se, desde velhos tem-  
pos, entre uma minoria que  
manda e uma maioria que  
obedece. Mandar e obedecer  
são funções de uma socie-  
dade em que a autori-  
dade supera todas as ra-  
zões, impondo-se no terre-  
no social e econômico. Os  
povos acostumaram-se as-  
sim a um sistema no qual  
parece que só os privilegia-  
dos sociais possuem capa-  
cidade para a direção dos  
trabalhos e das relações  
entre as diversas classes.  
Eis aí um erro terrível,  
fazendo vítimas entre os  
espoliados de toda a rique-  
za natural.

O erro de tal concepção  
não atinge somente as ca-  
madas proletárias, porque  
nem só estas vivem sujei-  
tas ao destino de obedecer.

Por outro lado, destruir  
semelhante conceito seria  
um passo dos mais impor-  
tantes para o bom enten-  
dimento entre os homens.

Os proletários esclarecidos

têm o dever de influir  
junto dos seus irmãos, em  
primeiro lugar, para que  
estes reconheçam o seu pro-  
prio direito e valor, e de  
pois junto das camadas  
opressoras, fazendo-lhes sen-  
tir que a capacidade de di-  
reção não é privilegio de  
uma casta.

Para que os homens pi-  
sem o caminho da igualda-  
de, torna-se necessário aca-  
bar com a divisão arbitra-  
ria de dirigentes e dirigidos.  
Que cada um tome a tare-  
fa para a qual tenha com-  
petência e valor. E quando  
o proletariado estiver sufi-  
cientemente instruído, sen-  
hor dos meios de produ-  
ção e distribuição, técnica-  
mente capaz de estabelecer  
e executar planos de enver-  
gadura geral na coletivida-  
de livre, por certo que não  
há de alijar da mesma co-  
letividade os indivíduos cujo  
preparo os recomende para  
as funções orientadoras.

Mas os trabalhadores não  
podem limitar-se, dentro dos

seus sindicatos, a uma ação  
exclusivista, reivindicando  
apenas salários. Devem mos-  
trar que têm capacidade  
para solucionar os proble-  
mas atuais de ordem geral,  
e conduzir a bom termo  
as relações coletivas na so-  
ciiedade futura.

Diz-se que na democra-  
cia o poder emana do povo,  
e por essa teoria chega-se  
à conclusão de que a de-  
mocracia é um regime onde  
todos mandam. O anarquis-  
mo, pelo contrário, será  
uma sociedade onde nin-  
guém manda. Eis a dife-  
rença, e ela é suficiente-  
mente clara para mostrar  
ao homem onde está a sua  
verdadeira emancipação.

Contudo, se na socieda-  
de anarquista ninguém man-  
da, isso não exclui a neces-  
sidade de praticar, pelo li-  
vre entendimento, as medi-  
das capazes de assegurar  
um bom aproveitamento dos  
frutos que a sociedade deve  
produzir, de estabelecer e

## UM HOMEM SEM CABEÇA

Rodolf Rocker

O artigo que segue foi extraído da obra "As Ideias absolutistas no Socialismo", de Rodolf Rocker a qual, como noutro lugar noticiamos, acaba de ser dado à luz pelas "Edições Segitário" de São Paulo.

Minha avó era uma mulher rara. Tinha boas qualidades, mas era terrivelmente supersticiosa e sabia uma quantidade de coisas extraordinárias, das quais a nossa sabedoria escolar nada podia suspeitar. Em nossa cidade havia uma velha rua solitária, chamada Hohl, na qual, até em pleno dia, raramente se encontrava um ser humano. Daí, dessa rua, guardada por velhas árvores, uma ampla escada de pedra conduzia à torre de Stephan. Contava minha avó uma vez que, por essa escada, passeava um homem vestido de negro, entre as doze da noite e uma da madrugada. Porque havia escolhido aquele homem precisamente essa escada para passeio, seu segredo era; muito mais singular, porém, era a circunstância de não ter esse homem cabeça.

Sem dúvida, uma história muito estranha que me causou muitas preocupações quando criança. Refleti sobre o assunto um dia e outro, e cheguei à conclusão de que, sem cabeça, não se podia passear. Foi isto, sem dúvida, um grande descobrimento. Hoje, não longe dos setenta, reconheci, contudo que, durante toda a minha vida, não fui sábio, mas um pobre louco. Talvez esse reconhecimento me faça agora realmente sábio, mas a sabedoria me veio muito tarde. Torna-se uma pessoa inteligente quando, na vida, se aproxima da última estação.

Não fui eu sábio e filósofo, mas minha avó. Necessitei de setenta anos para aprender que se pode andar passeando sem cabeça por esse formoso mundo. Para vergonha minha, tenho de confessar que

por mim mesmo não teria caído nunca nessa verdade se não fosse o meu amigo da foice e do martelo, com o auxílio que me prestou. Meu amigo era um santo singular: nele nunca sabia a mão esquerda o que fazia a direita. Durante anos me tinha pregado que os trabalhadores não deviam adquirir nenhum compromisso com a burguesia e com os chamados "social-fascistas". Só a "ditadura do proletariado" podia trazer-nos a solução. A democracia era um engano, a liberdade um "preconceito pequeno-burguês", a ética social um "estimulante" para os frouxos.

Mas um dia o meu amigo veio visitar-me. Meteu a foice e o martelo num caixote de antiguidades e gritou: "Agora temos a linha justa! Frente única! Morra o fascismo! Salvemos a democracia! Apela para os "social-fascistas", para os liberais, para os maçons, para os católicos, para o Papa, para os pequeno-burgueses. O presidente Roosevelt, que antes era apenas um "reflexo do capitalismo americano", converteu-se de repente num gênio político. O sr. Browder defendeu-o com todo o calor de sua alma ferosa e declarou modestamente, num discurso pelo rádio, que os reacionários combatiam Roosevelt, mas que, na realidade, só se referiam a ele, Browder. Era uma época magnífica aquela da "frente única" contra o fascismo, da luta da democracia contra Hitler, o antropófago, o cão raivoso da Europa. Recordei ao meu amigo sua posição anterior, mas ele gritou-me na cara: "Isto é dialética social — disse não entendes nada!"

Logo fez-se o pacto com Hitler. Meu amigo perdeu por algum tempo a voz. Mas chegou a nova ordem de Moscou e começou outra vez a trabalhar o bico: "Esses vis imperialistas! A Ingla-

terra tem a culpa da guerra! Churchill e Roosevelt são os sacerdotes de Mamon, por quem deve sacrificar-se o proletariado! E meu amigo me mostrou um formoso desenho de "New Masses", onde Roosevelt, vestido de bruxa no Inferno, revolve o fogo de uma caldeira onde é cozinhada a sopa da guerra. Churchill — com seu grosso charuto na boca, aparece ali como um vampiro e sorri. H. Hillman, como víbora, contempla os manejos de Roosevelt, enquanto Knox e Stimpson arrastam a um pobre proletário para ser cozido na caldeira e encher a barriga do imperialismo. Até me trouxe meu amigo um boletim *Aos judeus*, no qual se diz que só a política de Stálin pode libertar o mundo do antissemitismo. Recordei-lhe que há muitos anos, na Palestina, foi editado também um manifesto dessa espécie, no qual se defendia o nacionalismo árabe contra o perigo judeu. Mas meu amigo me gritou na cara: *Isto é dialética social! Tu não entendes!*

Veio o ataque de Stálin contra a Finlândia. Mencionei ao meu amigo uma frase de Lênine em 1918: "Um socialista russo que negue a liberdade da Finlândia é um chovinista". Mas meu amigo me mostrou um artigo do novelista Alexis Tolstoi, no "Pravda", onde se lê: "Stálin sabe o que convém mais à Finlândia. Ele, mais que nenhum outro, sabe o que assegura a felicidade a todos os povos da humanidade. Ele pensa em tudo o que pode alegrar a vida do homem. Não há um só ser humano de quem ele não seja amigo e ao qual não abra seu coração. O, quanto mais ditosos seriam os ingleses se Stálin pudesse fundar a felicidade do povo inglês!" Mas, desgradamente eu não entendia mais nada disso. Era dialética social.

Meu amigo atribuía aos ingleses todos os pecados; não dizia uma palavra de que Hitler, coberto pela aliança de Stálin,

(Continua na 4ª pag.)

## Tristes conseqüências

Ação Direta, no seu propósito de tornar conhecidos dos companheiros do Brasil os escritores anarquistas, velhos ou novos, publica hoje o seguinte artigo traduzido de Umanità Nova.

(24-11-946)

O líder do Partido Comunista sr. Togliatti, num artigo de fundo aparecido em *Unità* n.º 242 "Quem são os subversivos" lamenta-se de que, de alguns meses a esta parte, categorias inteiras de funcionários do Estado hajam recebido a senha de considerar como subversivos, merecedores de um tratamento particular de vigilância e repressão, aqueles grupos de trabalhadores que mais demonstraram saber combater pela democracia, contra o fascismo e pela defesa dos seus interesses.

Não nos maravilhamos, com efeito, nós, desse reinício reacionário. Pois não ajudou o companheiro Romita, ex-confinado, a reconstruir tal mentalidade com o enjaulamento dos anarquistas e outros subversivos?

Os funcionários do Estado, os arcanjos do padre De Gasperi, ex-deputado austríaco, não podem certamente fazer uma política diversa da que fazem.

Não ocorre ao sr. Togliatti explicar o porque dessas medidas de vigilância e repressão em prejuízo dos trabalhadores que demonstraram saber combater pelo triunfo da democracia.

Eis, companheiro Togliatti, as conseqüências de uma Revolução falhada. E, se prosseguirmos nesse passo, devemos abaixar a cabeça ante as antigas barbaridades e todos nós seremos subjugados às mais infames tradições clerico-fascistas.

Ah! se os chefes não houvessem resolvido sustar a marcha revolucionária que começou com a libertação da Alta Itália, toda essa imundície que infecta o solo

italico não impediria mais o passo dos trabalhadores para a conquista do Bem Estar Social. Se os chefes dos Partidos de Esquerda se ativessem ao velho lema marxista, segundo o qual: a emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos próprios trabalhadores; se permanecessem em contato com eles em vez de os tornar espantosamente gregários, hoje os inimigos do proletariado não contrastariam a marcha para a realização de uma verdadeira República que harmonizasse todas as pessoas num recíproco acordo de amor e trabalho fecundo.

A reação *qualunquista*, clerico-liberal tomou a ofensiva e o proletariado não tem outro consolo que o de meditar sobre as contribuições com o acompanhamento de taxas, miséria, fome, desemprego, suas recompensas ao que fez o sofreu.

E os pãncudos, caro companheiro Togliatti, camorristas do Estado, os habituais mágicos que bebem, comem e vestem bem com o dinheiro usurpado ao povo, os jerarcas do fascismo, egressos das galés que passeiam pelas ruas, aqueles que foram os algozes dos subversivos e os padres que corrompem as consciências dando viveres em troca de cédulas, e a imprensa amarela que esporeia o esbirro a exterminar os chamados *sediciosos*, têm razão de rir dessa República papalina que abre os braços a todos os reacionários de selvagem memória.

Estou satisfeitíssimo de que o companheiro Togliatti, ex-ministro e ex-deputado do Parlamento, tenha percebido, tão tarde, que os funcionários do Governo Republicano, andam sempre à caça dos subversivos como dantes e de que atire pedras nos que frequentam.

Varese Macchi

## A DOCTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE DE TODOS

JOSE' OITICA

23 — As discussões provocadas pelos bolchevistas eternizavam-se. Mahknó rebelou-se contra isso. Perdiam tempo, enquanto a Rada e os monarquistas se armavam. Chegou então a notícia de estarem os cosacos marchando para Alexandrovská, com intenção de passar o Don e unir-se a Kalénin. Uma comissão vai estender-se com eles, mas nada consegue. Eles atacam, mas são repellidos. Sem poder passar o Don, os cosacos resolvem pedir paz, depor as armas e ir para suas casas. Muitos, porém, se deixaram seduzir pelas promessas bolcheviques e foram servir no exército do general Antonoff-Ovseenko.

24 — Makhnó entrega-se outra vez ao trabalho do Comitê Revolucionário com os bolcheviques e social-democratas; mas logo percebe a impossibilidade de colaborar com eles. O Comitê Revolucionário, conta ele, ao impulso dos partidos nele representados, pôs-se também a dar provas de atividade revolucionária. Primeiro, uma intervenção abusiva na vida local dos trabalhadores, ordem severas e arbitrarias, dadas verbalmente ou formuladas por escrito. Assim, achou de lançar impostos à cidade (18 milhões de rublos). Prendeu socialistas da direita. Falaram até

comissão de prisão. Adiantando Makhnó: «Vi clara e seguiu a colaboração com os social-revolucionários da esquerda, se tornava o elemento para um anarquista revolucionário mesmo na luta pela defesa da revolução. O es-

pírito revolucionário dos bolchevistas — s. r. de esquerda, começava a modificar-se visivelmente: não buscavam senão dominar a revolução, reinar, no sentido grosseiro da palavra. Tendo longamente estudado sua atividade em Alexandrovská e, anteriormente, nos Congressos departamentais e distritos de camponeses e operários, onde eram maioria nessa ocasião, eu pressentia ser uma ficção o bloco desses dois partidos; que, mais cedo ou mais tarde, um desses dois partidos deveria absorver ou devorar brutalmente o outro, pois ambos sustentavam o princípio do Estado e sua autoridade sobre a comunidade livre dos trabalhadores. Concluí por fim: «Os bolcheviques e os S. R. de esquerda aproveitaram-se, nesses dias, da confiança dos trabalhadores na revolução, para oporem metódicamente aos interesses dos trabalhadores, seus interesses de partido. As manobras bolchevistas, chama Nestor Makhnó, expressivamente — «cozinha política dos seus comitês centrais».

25 — Vendo esse trabalho contra-revolucionário de bolchevistas e socialistas revolucionários de esquerda, prestes a se entre devorarem, Makhnó resolve reforçar a ação anarquista dos camponeses para salvar a revolução. Apesar dos esforços dos companheiros para retê-lo — Makhnó não voltou atrás, mormente recebendo notícias de ter a Rada Ucraniana mandado a Gulai-Pole emissários para organizar os soldados recém-vindos da frente.

26 — Chegando a Gulai-Pole,

é eleito pelo soviet local presidente do Comitê Revolucionário, e o grupo anarquista exige que se desarme o batalhão do regimento 48 de Berdiansk acantonado em Orekhovo e composto de partidários de Kalénin e da Rada Ucraniana. Pedem auxílio à Federação anarquista de Alexandrovská e desarmam o batalhão. Com grande surpresa dos bolchevistas, as armas não são entregues nem ao general bolchevista Boldanof nem ao Comitê Revolucionário de Alexandrovská. São levadas para Gulai-Pole e servem de base inicial para o exército dos camponeses livres.

27 — Chegam notícias de tratados de paz da Rada e dos bolcheviques com os alemães. Makhnó vê a necessidade imperiosa de obter mais armas para armar toda a população. Falta dinheiro para isso. Propõe exigí-lo do banco da Rada existente em Gulai-Pole. Com aprovação unânime do soviet local, obtem letras dos diretores do banco e saca 250,000 rublos do banco de Alexandrovská. Isso, necessariamente, constituiu para os bolchevistas, homens do Estado e da lei, rematado crime.

28 — Iniciam-se as trocas diretas de produtos: os das cidades enviarão tecidos e os de Gulai-Pole enviarão trigo e outras matérias alimentícias. Em 15 dias, Sereguin, o companheiro encarregado de tal serviço e a quem Makhnó tece os maiores elogios, firmou relações com as uzinas têxteis de Prokhorov e Morozov. Logo depois, entra em

relações com Moscou. Dois operários de Moscou desceram até Gulai-Pole para verem o que haviam feito os anarquistas. Esses operários manifestaram seu receio de que os funcionários dos governos já estabelecidos na Rússia apreenderiam os trens carregados de um e outro lado.

29 — Não obstante esse receio, Sereguin faz carregar vários vagões de trigo e envia-os a Moscou guardados por um destacamento armado, dirigido pelo companheiro Skomski. Apesar dos entraves opostos pelos chefes de estação, o comboio chega a Moscou. Dez dias depois, volta o comboio carregado de tecidos; mas, no caminho, os funcionários os detêm e os mandam para o centro de aprovisionamento de Alexandrovská, por não haver licença das autoridades soviéticas para tais tropas.

30 — Makhnó convoca imediatamente, o Comitê Revolucionário e o Soviete dos deputados camponeses e operários e resolve todos enviar severo protesto à Seção de Alexandrovská. Despacha três camaradas para avisarem o Comitê Revolucionário de Alexandrovská do ocorrido. Feito isso convoca uma assembléia-skhod geral de camponeses e operários. A reunião aplaude freneticamente Sereguin e exige marcha imediata contra as autoridades inúteis de Alexandrovská. Quase a findar a reunião, chega um telegrama das autoridades de Alexandrovská reconhecendo o direito de Gulai-Pole aos tecidos apreendidos.

31 — Entregues os tecidos, convoca-se uma assembléia para mostrar aos trabalhadores as vantagens das trocas diretas e regularizar-se a distribuição. Isso evidenciaria, pelo exemplo, a inutilidade dos intermediários e funcionários governamentais. Eles vieram, comenta Makhnó, ao mesmo tempo, o meio de solapar eficazmente as bases capitalistas da Revolução, vestígios dos tempos tsaristas. De modo que, repartidos todos os tecidos, a população de Gulai-Pole considerou nos meios de estender as trocas a todos os gêneros de primeira necessidade e em quantidade bastante para toda a região. Isso provaria que a Revolução cuidava não só de destruir as bases do regimen burguês e capitalista, mas também trataria de indicar concretamente as bases de uma sociedade nova com sua atmosfera de igualdade na qual crescerá e se expandirá o eu consciente dos trabalhadores.

32 — Delegados camponeses vão a várias cidades industriais para estabelecer trocas, mas voltam de mãos vazias porque as autoridades bolchevistas o impediram alegando que estavam sendo criadas organizações do Estado para efetuar esse serviço. Só em Moscou os trabalhadores revolucionários conseguem das autoridades bolchevistas licença para uma única remessa. Essa remessa é retida várias vezes em caminho e só muito mais tarde chega a Gulai-Pole.

(Continua no próximo número)

# Como vai aquilo na Rússia

*Freedom* (30-11-46), de Londres, traz uma crônica interessante sobre a crise comunista na Rússia, assinada pelo camarada George Woodcock. Vamos resumir-la.

Segundo ele, as notícias, quase todas de fonte oficial, revelam profunda crise política, financeira e econômica no *paraiso* dos trabalhadores. E' cedo para afirmar-se o estado moribundo da ditadura soviética; mas, tudo indica ser fatal e iminente a queda.

1. Primeiro, a questão alimentar. O próprio Zhdanov confessa, aos 6 de novembro, que a situação é quase de *aridez*, isto é, escassez absoluta. Há graves indícios de que a intensa subprodução de cereais na Ucrânia não se deve de todo a causas naturais.

A falência da produção coletiva deve-se a três causas principais: a) insuficiente aparelhagem mecânica; b) corrupção e ineficiência dos técnicos e administradores; c) pouquíssima disposição dos camponeses de trabalharem para o Estado que lhes tira sumariamente o produto do seu trabalho, e em troca lhes fornece poucos artigos de consumo. Acresce a mínima de transporte e desmandos na distribuição.

Resultado. Havia o governo prometido para o fim de 46 a suspensão do racionamento. Essa suspensão foi diferida mais ou menos indefinidamente.

Pior, no último mês, as rações caíram. Os preços dos gêneros, já muito acima dos mal pagos trabalhadores russos, triplicaram em setembro.

A quota racional desceu um grau, quer dizer, os trabalhadores de 1ª classe (os de escol) passaram à ração de 2ª classe. Enquanto isso, expediam-se cartões especiais suplementares a certas categorias de burocratas e trabalhadores intelectuais. A mais alta categoria recebe seis quilos e meio de carne e 20 ovos por mês. O povo, esse, vive num estado de quase fomeação.

2. A produção industrial é baixa. De pura evidência, há falta de gêneros de consumo em toda a Rússia, excetuando para a dita classe burocrática. Impossibilidade de achar roupa, fazendas, couro, utensílios domésticos, tendo em vista as necessidades dos trabalhadores. Sem nenhuma dúvida, essa miséria de gêneros decorre da ineficiência crescente da produção industrial russa que, ainda nos melhores tempos, nunca foi boa.

E cita o *Economist* que, examinando o orçamento russo, assinala: «O aumento do custo da produção deve-se primordialmente a um decréscimo na eficiência causada pelo uso e gasto do equipamento industrial, quer por sua má qualidade, quer por lassidão dos operários, quer por ambos os fatores. Em casos extremos o custo da produção, em várias indústrias, excedeu os preços planejados, 100 por cento».

Mas, não é só o cansaço. As condições de trabalho são insuportáveis. Por vezes não pagam

## REUNIÃO NACIONAL DE MILITANTES

Os militantes anarquista de S. Paulo e Rio acordaram em apelar para os militantes de todos os Estados afim de estudarem o meio de enviarem a S. Paulo ou Rio delegados seus para uma reunião nacional. Pedem aos vários grupos dos Estados sugestões sobre local, data, duração, etc.

os salários; anualmente não se pagam os abonos por doença.

Pior ainda. Em Moscou a população cresceu de 4 milhões para 7. O excesso apinha-se em cômodos de todo inadequados e dormem todos pelos corredores ou em barracões insalubres. Os burocratas, ao contrário, estão bem alojados e, legal ou ilegalmente, têm sempre preferência.

A Rússia procurou remediar o desastre trasladando para lá toda a maquinária austríaca e alemã. Faltavam, porém, especialistas para as máquinas, começando então a deportação de alemães.

O protesto dos aliados parece ter sustado esse expediente e o governo russo está fazendo intensa força para arrebanhar operários e levar os já veteranos a mais vivo trabalho. Tudo por meio de processos maquaviéticos, tal o de tirar, aos não industrializados, seus cartões de racionamento, prometendo substituí-los só por cartões de indústria. Outrossim, suspende os preços dos objetos de primeira necessidade para obrigar os obreiros a trabalharem mais, afim de obterem o suficiente para a vida. Acresce a campanha acesa do *Pravda* pela *moral industrial*, indignado com

com sua bicicleta, sua casa assada, etc.

Ao voltarem muitos para a Rússia, levaram e transmitiram essa impressão nada favorável ao regime soviético. Daí o ter exigido o *Pravda*, recentemente, uma campanha de educação política, no exército, feita pelo Partido Comunista. O jornal *Bolshevik* concordou com isso e publicou uma série de artigos de Sobolev, os quais se distribuíram aos milhões pelo exército.

Isso explica não haver a Rússia desmobilizado ainda suas tropas de ocupação. Seria perigoso que esses soldados todos, desertores do bolchevismo, fossem de chofre, em massa, atirados à vida normal russa.

5. Mas, a verdadeira dor de cabeça do governo russo é a Ucrânia. A Ucrânia sempre teve bem vivo o sentimento de independência. E' o maior ideal do seu povo. Finda a guerra, tal sentimento se reavivou altamente. Confessou-o, em agosto último, Krushev, do *Politburô*.

O movimento foi a ponto de haver em Kiev editores que osaram publicar escritos separatistas. Efetuou-se um expurgo do

## GUERRILHEIRO ORFÃO

Guerrilheiro! Teus pais morreram pelo povo!  
Esquece a tua dor. Levanta-te de novo!  
Eu sei que já não tens a ternura, o carinho  
Dum coração de mãe, que murmura baixinho  
Uma prece de amor e de angústia suprema  
Pelo filho que parte em defesa dum lema.  
Já não podes ouvir aquela voz sublime  
Que enche as almas de luz e que tudo redime.  
Sim, já não te conforta a doce voz dum pai  
Que te diga a sorrir: "Luta meu filho... vai"  
Não mais escutarás os contos à lareira...  
Mas a tua família é a Humanidade inteira.  
Esquece a tua dor... Há que vencer o Mal.  
Vai juntar tua voz ao côro Universal.  
Que a Paz estenda enfim, por sobre a Humanidade  
As asas de cetim ao sol da Liberdade!

A. Freixo

as tendências democráticas dos trabalhadores. A democracia das fábricas chama ele *velha pantomima*.

3. A distribuição dos produtos pelo Estado é outra calamidade. A princípio ia sendo feita pelas cooperativas; mas, foram elas, pouco a pouco, desautorizadas e hoje o serviço está realmente nas mãos de funcionários. Ora, as agências estatais distribuidoras tão incapazes se mostraram que, nos próprios órgãos oficiais, foram atacadas e o governo teve de voltar às cooperativas (18.000 de consumidores e 11.000 de produtores); mas, evidentemente, essas cooperativas não são as verdadeiras cooperativas cuja essência é a liberdade e independência. Não é de crer que a *autoridade* russa permita o funcionamento de um aparelho de todo *descentralizado*, isto é, de tendência anárquica.

4. Na Rússia campeia profundo malestar e uma das causas maiores foi o espetáculo deparado aos invasores russos do nível de vida na Alemanha. Apesar de vencida, a população alemã vivia muito melhor que a russa. Lá viram os soldados russos cada operário com seu relógio,

partido comunista ucranio e mais da metade foi excluída.

Tudo isso, porque não morreu, na Ucrânia, a lembrança do grande anarquista Makhnó, e tão viva se acha, que, nos confins da Ucrânia, há bandos guerrilheiros, calculados entre 20 e 30 mil homens, combatendo contra o governo soviético. Isso o declara francamente Ruth Fischer, antiga *líder* do Comintern, em sua carta publicada em Nova York, intitulada: *The Russia State Party*. Afirma que esses bandos, compostos de indivíduos idos de toda a parte, têm tendência antinacional e anarco-sindicalista.

Adite-se que o próprio partido comunista russo confessa estarem os camponeses sabotando o trabalho do Estado nos campos, preferindo cuidar dos seus terrenos ou, apertados pela autoridade, queimar o trigo a entregá-lo aos agentes.

6. Mais graves ainda são as dissensões entre os páedros. Há fricção entre os chefes militares e a NKVD com o *Politburô*. No *Politburô*, os maiores não se entendem muito bem, talvez repetição do fato normalíssimo (como nos tempos de Alexandre) de brigas intestinas por ambição dos

## CARTA A UM POETA PROLE

Por Antonio de Sá

Companheiro, recebemos a sua poesia *Sentinelas orfãs*. Será para nós um prazer contribuir para a divulgação das produções poéticas dum jovem operário. E não podemos deixar de testemunhar-lhe a nossa admiração, sobretudo por saber que você não frequenta universidades, mas sim as oficinas de trabalho onde labuta diariamente na conquista do pão. Portanto, só pode estudar e produzir sacrificando as escassas horas de folga e as naturais diversões da juventude. Por tudo isso, apresenta um notável exemplo à mocidade proletária. Creia que estas palavras não constituem um elogio banal. O seu trabalho impressiona e emociona. Toda a manifestação artística que tem essa rara virtude é verdadeiramente arte.

Quanto a publicação da sua poesia em *Ação Direta*, forçoso é que para isso sofra algumas modificações. Em primeiro lugar, é um poema demasiado longo para o espaço que o jornal lhe pode dedicar sem prejuízo das outras matérias. O nosso jornal é acanhado de espaço. Custeado com sacrifício por um grupo de trabalhadores manuais e intelectuais, não podemos ainda dar-lhe a amplitude que precisa. O nosso objetivo é divulgar as doutrinas libertárias, combater a sociedade capitalista. Todo o espaço é pouco para essa tarefa principal.

Devemos notar, ademais, que o tema dos seus versos não se harmoniza com os princípios anarquistas, intransigentemente defendidos por *Ação Direta*, e contrários à concepção do poema *Sentinelas orfãs*, inspirado na guerra entre as potências denominadas fascistas e as de rótulo democrático. Deixa transparecer que os batalhões que lutaram contra os invasores nazistas, o fizeram para conquistar a liberdade e a paz; enaltece as ações heróicas de soldados que esmagaram «a milícia germânica». Está todo impregnado de misticismo patriótico, do espírito guerreiro que alenta o militarismo.

Ora, a guerra em que foram sacrificadas milhões de vidas de proletários não teve por finalidade a conquista da liberdade e da paz, como já estávamos verificando, mas simplesmente a satisfação de interesses imperialistas. Os povos foram mais uma vez enganados. Depois da derrota militar da Alemanha, que vemos? Os vencedores continuam a mesma política imperialista, os povos mais fracos não podem reivindicar a sua liberdade, os guerrilheiros do povo são metralhados, na Espanha, na Itália ou na Grécia, com a mesma brutalidade.

Vejam o exemplo de Franco e Salazar que, depois de auxiliarem ostensivamente o grupo do Eixo, sobrevivem e são ampara-

vários candidatos à sucessão de um ditador doente.

Opinando que o regime russo pode estar realmente muito sólido ainda, Woodcock termina assim: «Entretanto um exame da situação revela que o regime, quando nada, está menos seguro do que sua política externa faz supor, e que o povo russo não está mais próximo do *paraiso dos trabalhadores* do que dantes. Estes dois fatos: a inata insegurança de toda tirania e a miséria fermentante do povo, podem precipitar mais cedo do que supomos uma situação em que um exército russo desfaza a igreja e dê ao mundo nova esperança de revolução social».

dos no poder por aqueles mesmos que, em conferências hipócritas, os condenaram.

Assim analisamos nós, anarquistas, a guerra contra o nazismo e todas as guerras em preparação nos laboratórios da diplomacia das grandes potências. Somos contra a guerra, em que só perde o povo e ganharam os imperialistas, sejam quais forem as bandeiras triunfantes. Somos contra o conceito patriótico, porque é invocando esse sentimento que se lançam os povos em guerras fratricidas, sempre em prejuízo da Humanidade. Só uma guerra, só uma luta aceitamos: a luta social que derrubará o regime capitalista para implantar uma sociedade de homens livres. Só assim a humanidade conquistará a liberdade e a paz, porque se aniquilarão de uma vez para sempre todos os germes da guerra.

Somos portanto internacionalistas, pela abolição das fronteiras artificiais que dividem os povos. Em conformidade com esses princípios, não podemos achar heroísmo nas ações belicosas de batalhões armados que se trucidam estupidamente, em holocausto as ambições do imperialismo e as rivalidades raciais.

Estas observações de modo nenhum pretendem diminuir o mérito literário do seu trabalho. Apenas visam a justificar porque sugerimos a modificação do tema em que está vazado, adaptando-o aos ideais humanitários defendidos por *Ação Direta*. Cremos que o poderá fazer sem lhe tirar o valor nem prejudicar-lhe a beleza.

Sentimos nos seus versos, companheiro, a vibração de uma juventude sonhadora. Onde há beleza e poesia, tem de haver bondade e ansias de amor e justiça. A sua voz é precisa para cantar o ideal, o nosso ideal. Esperamos ouvi-la sempre, através dos ventos que sopram a chama libertária. Esperamos ouvi-la sempre, através do clamor dos que marcham para a luz.

## Notícias anárquicas

— O companheiro Camillo Porreca publicou o primeiro número de *Il Pensiero anticlericale*. Tanto bastou para ser chamado à ordem e ameaçado pelo prefeito de Roma por crime de vilipêndio à religião do Estado e em virtude do artigo 164 da lei fascista de segurança pública. Porreca não respeitou a intimação e prossegue com as publicações. Rogamos aos companheiros de Itália que nos enviem os números publicados com os preços para encomendas.

— Os companheiros de *Adunata dei Refratari* seguindo o exemplo do comp. Ivan Aiati de Roma, que teve a idéia de reeditar *Contro la face, contro la guerra, per la Rivoluzione Sociale* de Galleani, resolveram combinar e publicar, reunidos, trabalhos a que dão o nome de *Una Bataglia*.

Depois deste, já quase pronto, outros seguir-se-ão.

## SIGNIFICA O PLANO QUINQUENAL ARGENTINO

(manifesto da Federação Obreira Regional Argentina)

Num estudo desapaixonado descarnamos, até o âmago, o verdadeiro sentido e as verdadeiras projeções sociais do chamado Plano Quinquenal. O propósito aparente que o anima: a restauração económica do país, seu ajustamento político, cultural e sanitário, não é mais que a máscara que encobre mal um espírito a todas as luzes reacionário onde campeia o objetivo militarista. Converter um país eminentemente agrícola-pecuário — supondo-se realize essa iniciativa — em nação industrializada, a todo vapor, onde prepondera a indústria pesada que é a indústria de guerra; submeter toda a população, homens e mulheres a um regime de quartel, dos 12 aos 50 anos; eliminar das universidades e centros científicos o pensamento liberal, substituindo-o pelo *rosismo*, o nazi-fascismo e o clericalismo; um movimento obreiro vertical e dirigido, impregnado de forte nacionalismo, são as bases fundamentais em que assenta, para desenvolver-se o Plano Quinquenal. Junte-se a isso o fabuloso orçamento de guerra para 1947 e ter-se-á uma idéia aproximada do verdadeiro caráter desse plano.

Uma política dessa natureza há de conduzir-nos fatalmente à guerra pois a história demonstra, com sangrenta eloquência, que o militarismo desemboca sempre nesse monstro que engole o mais nobre e vital dos povos. **Jamais se fabricaram canhões por mero passatempo!**

Que ganhará o proletariado da Argentina com isso? Absolutamente nada! Que

## As eleições

(Continuação da 1ª pag.)

guinte: Carlos Lacerda venceu porque desassombadamente denunciou e provou a rapinagem escandalosa de Fiuzza, de Borghi, da quadrilha Getúlio; venceu porque arrostou a todos os trampolinos do Estado Novo e a todos os continuadores da ditadura ainda empoleirados nas posições da República.

Venceu com ele a ânsia popular de justiça, de alguma providência, legal ou ilegal, que põha termo à impunidade dos ladrões, dos ineptos, dos vivedores que açambarcaram, com votos ou à força, a direção do país.

O povo quer alguém que ena a azorrague os vendilhões

se esquece de que o disso é ele mesmo, ovo, se quiser compenetrar-se sua força e deixar de atender ordens dos líderes, os causadores mores de toda a desgraça humana aqui e além.

perderá com esse plano? Tudo!

Submetida a produção a um ritmo acelerado, postas a serviço do governo todas as energias humanas, como o demonstram tais ensaios na Rússia, Alemanha, e Itália, etc, cairão verticalmente os salários e os dias de trabalho chegarão a 12 e 14 horas, calcado tudo numa imigração de trabalhadores selecionados ex-professo. O direito de greve, que implicitamente é o direito de agremiação e defesa das condições de salários e de vida, desaparecerão automaticamente com a «conciiação e arbitragem obrigatória», «sem que, durante o tempo gasto em ventilar-se o assunto, sofram prejuízos irreparáveis os interesses das partes e principalmente o interesse da coletividade»; como se estabelece na *Obra Social*.

O resto: **previsão social, acionariado obreiro** (sem caráter obrigatório), **seguro social e fomento das habitações**, não são mais que a folha de parreira que oculta a **Disciplina do Trabalho**, o que, traduzido em linguagem clara, significa: trabalhar e produzir sem descanso e sem tugar.

Horas sombrias esperam o povo produtor. Todas as suas conquistas e liberdades estão seriamente comprometidas.

A Federação Obreira Regional Argentina, autêntica expressão do proletariado militante do país, vontade livre e insubornável dos trabalhadores organizados sem ataduras trágicas, em cumprimento de sua missão histórica, cumpre o seu dever irrenunciável de assinalar o perigo que nos ameaça e exorta todos os trabalhadores a manterem desperto o sentimento de Liberdade, sem o qual a vida é uma cousa desprezível e sem valor.

Buenos Aires, dezembro de 1946.

### O Conselho Federal

### LIVROS NOSSOS

Rodolf Rucker — **AS IDÉIAS ABSOLUTISTAS NO SOCIALISMO** . . . . Cr\$ 15,00

acaba de sair em tradução portuguesa. Coleção: *Perspectivas* das Edições Sagitário

pedidos a *Ação Direta*. Buenos Aires 147 A 2.º Rio de Janeiro ou ao *Centro de Estudos Sociais* de S. Paulo. Caixa postal 5739.

## PROVAS DE CAPACIDADE

(Continuação da 1ª pag.)

manter, enfim, todas as condições de bem-estar.

Esses problemas futuros não são tão futuros como parecem. Organizada e em seus sindicatos, a classe trabalhadora precisa de colocá-los no presente e resolvê-los sem apresentar exigências perturbadoras do interesse geral. Sabe-se que a complexidade da organização capitalista faz refletir-se de modos diversos, em setores que afetam camadas proletárias, qualquer alteração obtida em benefício de outros setores também proletários. E ainda mais quando os opressores têm todo o interesse em estabelecer desinteligências ou rivalidades entre os oprimidos, pois assim como a união faz a força, certo há de ser que a desunião enfraquece, favorecendo quem, por mais forte que se julgue, sempre receia a vingança daqueles a quem maltrata.

E' dentro desse critério que os trabalhadores, organizados em sindicatos, precisam de cuidar dos seus interesses sem descuidar os interesses da coletividade. E sobretudo inutilizar de uma vez as censuras de quem vê no idealismo anarquista uma teoria fora da realidade. Os sindicatos têm toda a possibilidade de desmentir semelhante perfídia, estudando os problemas gerais e apontando remédios para a atualidade e soluções para o futuro, como órgãos técnicos de estudo e direção. Sem esquecer que, embora tenham de sentir a necessidade de resolver os casos privados da sua classe, estes não devem sobrepor-se a um plano de ordem geral e coletiva. É dos pequenos casos que se forma o conjunto; entretanto, a harmonia seria prejudicada por critérios exclusivistas, se eles vingassem definitivamente, falseando a verdadeira missão social dos sindicatos.

A capacidade profissional é também capacidade social nos sindicatos, e dela devem dar provas pelo estudo adequado, preparando as teses e planos de uma sociedade futura. A ação direta dos sindicatos sobre os problemas que estiverem dentro da sua órbita, fará desses organismos as pedras mais sólidas dos alicerces de uma sociedade tecnicamente perfeita e livre.

Propaguem

**Ação Direta**

## Edições Sagitário

Sob a direção do nosso camarada Mário Ferreira Santos, iniciou as suas atividades em São Paulo a Editora e Distribuidora Sagitário Ltda., com a publicação da tradução portuguesa de *As idéias absolutistas no Socialismo*. Já aqui tivemos ocasião de referir-nos desenvolvidamente a esta obra quando ela nos apareceu, pela primeira vez, em castelhano, editada pelo grupo *Tierra y Libertad*, do México. Não podemos, porém, dada a grande importância que para o renascimento do pensamento anarquista no Brasil representa o aparecimento desta obra em língua portuguesa, deixar de dedicar-lhe algumas linhas.

Importa principalmente recordar que se trata de um livro de polêmica, escrito num estilo brilhante e claro e no qual se tratam os problemas fundamentais do socialismo e se estudam, com grande alteza de miras e clara visão do futuro, o lamentável desvio e as tendências consecuentes que as idéias absolutistas, das quais a mais importante é, sem dúvida, o chamado marxismo, enquistando-se no corpo do socialismo, ocasionou e ocasionará ainda certamente por não sabermos quanto tempo ao movimento emancipador da humanidade tão promissora-mente prenunciado nos fins do século 18.

O autor, uma das mais privilegiadas cerebrações do nosso tempo, cuja obra mereceu os mais rasgados elogios, entre outros pensadores eminentes, a Bertrand Russell, a Lewis Mumford, Louis Adamic, Thomas Mann, Charles A. Beard, Rupert Read, é hoje um dos mais representativos batalhadores do anarco-sindi-

calismo. Foi membro do conselho federal da União Geral dos Trabalhadores Alemães, diretor do importante órgão proletário *Der Syndicalist* e colaborou também no *Der Freie Arbeiter*. Atualmente, desde a sua ocidentada fuga da bastilha hitlerista, que constituiu uma verdadeira odisséia, vive, com setenta anos, nos Estados Unidos, onde, apesar da sua avançada idade, continua lutando pelo socialismo libertário, ou seja pela emancipação humana.

A edição em idioma português, ora aparecida, enriquece-se com novos capítulos, um dos quais, *O homem sem cabeça*, publicamos neste número. O leitor encontrará por isso nesta edição o dobro da matéria contida na edição original, ou seja, na edição castelhana.

Quanto à editora *Sagitário*, não podemos deixar de felicitar nos e felicitar o camarada Mário Santos pelo papel que ela está destinada a representar no renascimento das idéias anarquistas nos países de língua portuguesa, após a fragorosa derrota do fascismo e o descrédito da social-democracia e do seu gêmeo, o chamado comunismo stalinista. Exortamos os camaradas a contribuirem por todos os meios para que a nova editorial possa levar a cabo a sua generosa missão: a de iluminar a consciência das massas, libertando-a das trevas em que a mergulhou o fascismo negro e o vermelho.

O enderço da Editora e Distribuidora Sagitário Ltda. é: Avenida São João, 487 — Caixa Postal 500 — São Paulo.

O preço do livro é 15 cruzeiros.

## O HOMEM SEM CABEÇA

(Continuação da 2ª pag.)

espezinhava os povos da Europa. Os ingleses eram os *malditos imperialistas*. O fato de Stálin anexar partes da Finlândia, meia Polónia, a Bessarábia e até a Bucovina, que nunca pertencera à Rússia, naturalmente não era "imperialismo", mas apenas dialética social.

Veio logo o fim amargo. Hitler fez marchar seus exércitos contra a Rússia e Stálin apelou para a ajuda dos "imperialistas", da Inglaterra e dos Estados Unidos. Devéis ver a cara do meu amigo. "Esse Hitler assassino! Ladrão, bandido, que assalta países e povos e os põe em seus alforjes, e que nem sequer consente que Chaplin use os seus bigodes!" "E o meu amigo se pôs a ajudar a Knox e a Stimson a pôr o proletariado na caldeira. Churchill, "o pirata do mar", converteu-se num grande estadista e Roosevelt teve repentinamente o destino do mundo em suas mãos.

Recordei ao meu amigo o caso de Lindberg e do senador Weeler, que na véspera haviam sido qua-

lificados como representantes da tradição americana e comparados com Jefferson e Lincoln. Pôs-se enraivecido e resmungou que "não queria nada com gente que trabalhava para Hitler. Stálin estivera sempre contra Hitler. Só concertou a aliança com ele para preparar a guerra contra ele". "Mas foi Hitler que marchou sobre Moscou" — disse eu. "Sim, porque do contrário Stálin teria marchado sobre Berlim" — repôs o meu amigo. Esta é a dialética social da História".

Olhei fixamente o meu amigo e descobri então — só então! — que ele não tinha cabeça. Minha avó tinha razão. Pode um ser humano passear sem cabeça. É até mais cômodo. «Mas devia ter uma cabeça» — objetareis. Sim, mas era só um rosto com dois olhos, e estes não viam. Uma cabeça é uma cabeça quando serve para pensar. Sobre os ombros do meu amigo podeis pôr uma cabeça, um cabo, um tambor ou um pedaço de madeira; prestará os mesmos serviços. Como comunista pode ir a passeio sem cabeça.